

Julie Caplin

A
pequena
confeitaria
de Paris





Para Alison, melhor amiga do escritório,
líder de torcida não oficial
e um espécime maravilhoso de ser humano



Capítulo 1

Nina pisava sem parar no chão de cascalho, tentando aquecer um pouco os pés doloridos e cansados. Era a nonagésima quinta vez em dez minutos que olhava para o celular, quase o deixando cair. Onde Nick tinha se enfiado? Ele já estava quinze minutos atrasado, e parecia que os dedos dela iam congelar, o que aumentava ainda mais sua infelicidade. Ali, na porta dos fundos da cozinha, no estacionamento dos funcionários, não havia muita proteção contra o vento penetrante que açoitava a mansão de arenito e, sem dúvida, nenhuma proteção contra seus pensamentos desolados.

– Ei, Nina, tem certeza que não quer uma carona? – perguntou Marcela, uma das outras garçonetes, com seu sotaque forte, baixando a janela do carro enquanto dava ré depressa ao sair da vaga.

– Tenho. – Nina balançou a cabeça. – Tá tudo bem, valeu. Meu irmão tá vindo.

Ou, ao menos, era melhor que estivesse. Nina desejou com todas as forças estar naquele carrinho de vidros embaçados com Marcela e mais dois membros da equipe, e quase riu da incômoda ironia. A mãe insistira que Nick fosse buscá-la para ter certeza de que a filha estaria em segurança, e lá estava Nina, no breu de um estacionamento, prestes a ficar completamente sozinha.

– Então beleza. Vejo você daqui a dois meses.

– Rá! – exclamou alguém.

A voz melancólica com sotaque do Leste Europeu que vinha do banco de trás pertencia a Tomas, o sommelier, um pessimista nato.

– Vocês acham que os empreiteiros vão terminar no prazo – ironizou ele.

Um coro bem-humorado fez Tomas se calar.

– A gente se vê logo, logo, Nina.

Todos acenaram e gritaram em despedida, e Marcela fechou a janela do velho Polo assim que o carro se afastou rugindo, como se a amiga mal pudesse esperar o fim do turno para dar no pé. E era exatamente o que Nina planejava fazer se o irmão chegasse em algum momento.

Enfim avistou os faróis se aproximando. Só podia ser Nick. Quase todo mundo já tinha ido embora. Fazendo uma curva veloz e esmagando o cascalho, o carro parou na frente de Nina.

Ela abriu a porta, exasperada.

– Oi, maninha. Tá esperando há muito tempo? Foi mal, tive uma emergência com uma ovelha.

– Estou – rebateu Nina, entrando rápido, grata pelo ar quente no interior do veículo. – Tá um frio insuportável. Vou ficar bem feliz quando meu carro estiver pronto.

– Nem me fala. Levei o caminho todo até aqui pra conseguir me aquecer. Maldita ovelha. Ficou presa no arame da cerca lá na estrada da charneca, e eu tive que parar pra ajudar aquela criatura burra.

Será que era muito mesquinho pensar que pelo menos a ovelha tinha um ótimo casaco de lã enquanto ela estava ali de saia e meia-calça numa noite gelada de inverno?

– E aí, como foi a última noite? – perguntou Nick, se inclinando para desligar o rádio, que vinha emitindo comentários sobre futebol no volume máximo. – E a despedida da sua amiga? Foi boa?

– Foi legal. Um pouco triste, porque todo mundo vai ficar sem se ver por um tempo por causa da reforma. E a Sukie vai pra Nova York.

– Nova York. É uma baita mudança.

– Ela é uma chef genial. Vai fazer sucesso.

– Com certeza. E em Nova York. Os outros vão fazer o quê?

– A equipe fixa vai ser realocada e passar por vários treinamentos.

– Parece meio injusto. E você não vai por quê?

– Deve ser porque meu contrato é temporário.

– Bom, tenho certeza que a gente consegue um extra pra você na mercearia e no café. E o Dan pode te arrumar um bico na cervejaria. A irmã da Gail talvez te pague pra ficar como babá, e o George pode perguntar no

posto de gasolina, estão sempre precisando de gente lá. Se bem que o horário é muito tarde, então talvez seja melhor não.

Ela fechou os olhos. Tinha certeza de que todos na família dariam um jeito de encontrar algo para a “coitada da Nina” enquanto o restaurante Bodenbroke Manor estivesse fechado para reforma, quer ela gostasse da ajuda ou não. Não que fosse ingrata, eles tinham boas intenções, mas Nina era adulta e perfeitamente capaz de arrumar um emprego sem os longos tentáculos da rede de contatos familiar se mobilizando em prol dela. Nina amava loucamente a família, amava mesmo, mas...

– Por que você tá bufando? – perguntou Nick, se virando para a irmã.

– Por nada – respondeu Nina, fechando os olhos. – Minha nossa, tô cansada. Parece que um elefante sentou nos meus pés.

– Fracote – provocou Nick.

– Tô de pé desde as nove da manhã – falou Nina. – E o restaurante anda uma loucura. Nem almocei.

– Isso não tá certo. Você devia falar alguma coisa.

– Não é tão fácil. Todo mundo tá ocupado. Não dava pra fazer um intervalo de verdade.

– Então você não comeu nada hoje?

Nina deu de ombros. Tinha saído correndo sem tomar café da manhã, deixando a mãe muito preocupada.

– Comi um pouquinho.

A barriga dela roncou na mesma hora, inconveniente, como se para desmentir sua resposta. Era óbvio que seu estômago não achava que um pãozinho e uma fatia de queijo eram o suficiente.

Nick fez uma cara muito feia.

– Mesmo assim. Quer que eu fale com o gerente quando eles reabrirem?

– Não, tá tudo bem. Vamos jantar quando chegarmos em casa.

– Bom, isso não...

– Você não trabalha aqui, então não entende.

A voz de Nina subiu para um tom mais acalorado. Era a cara de Nick presumir que sabia o que era melhor para ela.

– Não preciso entender. Existem leis trabalhistas. Você tem direito a intervalos. É...

O que quer que Nick estivesse prestes a dizer foi interrompido bem a

tempo pelo toque de corneta de seu celular, zunindo pelo som do rádio configurado para o viva-voz.

– Nick Hadley – disse o irmão, apertando no painel o botão de “aceitar a ligação”.

Nina afundou no assento, aliviada pela interrupção. Isso lhe dava a oportunidade perfeita de se desligar e fingir que estava dormindo pelo resto da viagem.

– E aí, Pas, como tá essa força?

Nina ficou tensa, cada músculo se enrijecendo ao som daquela familiar voz zombeteira. Seu irmão costumava ser chamado pelos amigos de Pas, uma abreviação de “pastor”.

– Tudo certo – respondeu Nick. – Como você tá, Homem das Facas? Ainda com aquela desculpinha de merda pra defender um time de rúgbi?

“Homem das Facas” não era um apelido lá muito genial para um chef. Ainda mais para um chef arrogante e presunçoso como aquele.

– Sem comentários, cara. Eles jogaram mal pra cacete contra a França. E paguei uma nota pelo ingresso.

– O quê? Você foi ao Stade de France? Sortudo de uma figa.

– Não tão sortudo, já que os infelizes perderam.

– Quer vir pra Copa Calcutá? É melhor não ficar tanto tempo na França. Vai acabar criando maus hábitos.

– Tô com um probleminha aqui.

– Que probleminha? – perguntou Nick.

– Estou de cama. Por isso liguei.

Nina comprimiu os lábios no que se poderia chamar de sorrisinho sarcástico. Era óbvio que Sebastian não tinha ideia de que ela estava no carro, e nem ela queria que soubesse. Quem ouvisse aquela conversa ridícula jamais saberia que ela se desenrolava entre dois adultos, e não uma dupla de adolescentes. Nina com certeza não queria se lembrar de Sebastian na adolescência nem de ter bancado a completa otária por causa dele. Infelizmente, ser a fim do melhor amigo do irmão era a pior coisa que alguém podia fazer, porque dez anos depois ainda ia ter gente na família trazendo o assunto à tona de vez em quando.

– O que houve?

– Quebrei a perna.

- Que merda, cara. Quando?
- Uns dias atrás. Fui derrubado por um daqueles babacas que andam com malas de rodinhas por aí. Cai de mau jeito.
- Ai. Você tá bem?
- Não – falou Sebastian, com um grunhido. – Foi tudo por água abaixo. Acontece que um dos lugares novos que comprei em Paris só vai estar liberado daqui a uns dois meses. O dono anterior dava aulas de confeitaria e se esqueceu de me contar que vai rolar um curso de sete semanas que já está todo programado e pago.
- Não dá pra cancelar? – perguntou Nick, dando seta e virando o carro para sair da estrada principal e seguir na direção da cidadezinha.
- Infelizmente, já me comprometi. Achei que seria uma boa, porque posso colocar meus empreiteiros franceses para começar a trabalhar em outros dois lugares primeiro, e eles vão precisar de alguns meses, então dava pra eu ir levando. E teria dado certo se eu não tivesse quebrado a porcaria da perna.
- No escuro, Nina comprimiu os lábios. Em geral, não desejava mal a ninguém, mas, de alguma forma, Sebastian a irritava. Não era do sucesso dele que ela se ressentia. Era inegável o quanto ele tinha trabalhado para se tornar um chef renomado com uma pequena cadeia própria de restaurantes. Trabalhado até demais, na opinião dela. O que a irritava de verdade era a atitude superior e desdenhosa dele. Nos últimos dez anos, toda vez que o encontrava, Nina sempre parecia estar em desvantagem. E a última vez fora uma verdadeira humilhação.
- Não consegue outra pessoa pra fazer isso?
- Não sei se vou encontrar alguém em tão pouco tempo. O curso começa semana que vem. Além disso, preciso de um par de pernas extras nas próximas seis semanas. Até tirar esse gesso.
- A Nina pode ajudar. Ela acabou de ser dispensada do restaurante em que trabalhava.
- Nina pulou no assento, semicerrando os olhos para o irmão incrivelmente burro. Ele só podia estar delirando. Percebendo o movimento no carro, Nick se virou, e Nina viu o branco dos dentes dele no escuro quando ele abriu um sorriso de orelha a orelha.
- Com todo o respeito, Nick, sua irmã é a última pessoa no mundo que eu ia querer pra me ajudar.

O sorriso de Nick desapareceu. O silêncio se prolongou no carro. Então, Sebastian murmurou:

– Ah, que merda, ela tá aí, né?

Com um sorriso gélido, Nina se empertigou.

– Ah, que merda, pois é. Mas não se preocupe. Com todo o respeito, Sebastian, prefiro castrar os cordeiros da fazenda com os dentes a ajudar *você*.

E, com isso, ela se inclinou para a frente e encerrou a ligação.



Capítulo 2

A cozinha da família parecia uma colmeia em plena atividade. A mãe de Nina estava agitada, as mãos enfiadas em luvas de forno com estampa floral. A mesa enorme fora posta para oito pessoas e havia várias panelas fumegando e borbulhando no enorme fogão.

– Nina, Nick. Bem na hora.

– Que cheiro bom – elogiou Nick, jogando a chave do carro na cômoda, junto com outras coisas que pareciam se acumular ali todos os dias, não importava quantas vezes a mãe arrumasse tudo.

Apesar de os quatro filhos adultos já terem saído de casa em diversos momentos da vida, eles continuavam a tratar a cozinha como se fosse deles, o que a mãe de Nina adorava. Nenhum de seus rebentos tinha se distanciado muito. Nick, dois anos mais velho que a irmã, morava na casa de campo do outro lado do quintal e ajudava o pai com a fazenda e as ovelhas. Ainda era solteiro e parecia não ter pressa para encontrar uma esposa, aproveitando para testar candidatas em potencial.

– Sentem aí. Vocês devem estar morrendo de fome. Cadê o Dan e a Gail? Era para eles já terem chegado.

– Mãe, você conhece o Dan. Ele com certeza vai chegar atrasado até no próprio enterro – falou Nick, dando um beijinho no rosto dela enquanto desenrolava seu cachecol.

A mãe estremeceu.

– Não diga uma coisa dessas. Eles estavam muito ocupados na cervejaria e no mercadinho hoje. Chegou uma excursão de North Wales. Coitada da Cath.

Lynda, a mãe de Nina, lançou um olhar solidário para a nora, sentada à mesa e debruçada sobre uma xícara de café. Cath, que era casada com Jonathon, um dos gêmeos e o segundo irmão mais velho de Nina, ergueu a cabeça loira e deu à cunhada um breve aceno resignado.

– Foi uma loucura. Ficamos sem broinhas, sem café e sem bolo de nozes. Sinceramente, esses velhinhos aposentados parecem uns sacos sem fundo. Quem olha até acha que não fazem uma refeição decente há dias. A despensa ficou vazia.

A mãe abriu um meio sorriso preocupado para Nina, que gemeu ao tirar o casaco.

– Não se preocupe, assim que eu jantar, posso preparar uma fornada de broas e fazer um bolo rápido. Faço o creme de manteiga de manhã.

– Ah, meu amor, você acabou de chegar do trabalho. Deve estar exausta. Tenho certeza que a Cath pode aguentar um dia.

Nina viu o breve revirar de olhos de Cath.

– Mãe, é coisa rápida.

– Se você tem certeza, meu bem...

Por sorte, Dan, seu irmão mais velho por cinco minutos, entrou correndo na cozinha, puxando a esposa, Gail, pela mão, e deixando a porta balançando sem parar nas dobradiças enquanto os dois riam.

– Oi, gente, o filho favorito chegou – anunciou Dan.

A esposa lhe deu um leve cutucão.

De repente, o barulho na cozinha aumentou dez vezes quando Jonathon e o pai surgiram no corredor. Cadeiras foram arrastadas pelo chão de lajota, um punhado de garrafas de cerveja tilintaram ao serem retiradas da geladeira, as tampinhas rapidamente descartadas com um giro firme, bambeando de lado, enquanto o pai se punha a trabalhar com um saca-rolha até todos ouvirem o estalo satisfatório da garrafa de vinho tinto sendo aberta. Sem cerimônia, ocuparam seus assentos, diversas conversas irrompendo pela mesa. Nina deslizou para seu lugar, perto da mãe, na cabeceira.

– Você vai conseguir mesmo fazer os bolos? – perguntou Lynda. – Posso acordar cedo e preparar uma fornada de broas pra ajudar a Cath.

– Mãe, sério, tá tudo bem.

Ela captou a rápida troca de olhares entre as cunhadas, e então Gail piscou para ela.

– Assim que eu terminar de jantar, vou recuperar as forças – assegurou Nina.

Eram só alguns bolos, pelo amor de Deus, e isso lhe daria uma excelente desculpa para escapar do caos de sempre e ficar na paz e no sossego de seu pequeno apartamento em cima do antigo estábulo, sem ninguém se preocupando com ela.

A mãe comprimiu os lábios e voltou a atenção para as caçarolas na mesa.

– Jonathon, está deixando a colher pingar pela mesa toda.

– Poxa, Jonathon! – ecoou Dan, aproveitando no mesmo instante a chance de provocar seu gêmeo.

O resto dos homens se juntou a ele.

– Dan, você não quer mais um pouquinho? – perguntou Lynda.

– Viu? Filho favorito.

Jonathon apontou a colher na direção do irmão e logo foi repreendido pela esposa.

Como sempre, parecia que era hora do almoço no zoológico, mas Nina estava aliviada, pois a atenção não estava mais voltada para ela. Conseguiu ficar fora do radar até que a última caçarola grande fosse raspada, enquanto Dan e Jonathon discutiam sobre quem ficaria com o último pedaço de cordeiro.

– Então, qual é o problema do seu carro, meu amor? – perguntou o pai dela.

– Ainda tá na oficina. Não conseguiram a peça, mas acham que vai chegar amanhã.

A mãe dela estremeceu.

– Vai ser preciso mais do que uma peça só pra consertar aquela coisa. É uma lata-velha mortal.

Nina murmurou bem baixinho, mas ninguém ouviu, porque já estavam dando os próprios pitacos sobre o carro. Não havia nada de errado com seu pequeno Fiat.

– Mãe, não precisa se preocupar com a Nina naquela coisa. Ela dirige tão devagar que os riscos são quase zero – provocou Nick.

– Uma máquina de costura tem mais potência – alfinetou Dan.

– Eu queria muito que você tivesse um desses carros mais robustos – disse Lynda. – Minha preocupação é você ser esmagada por um carro maior.

– Mãe, não precisa se preocupar, o carro do Nick já faria isso sem problemas.

Dan, depois de ganhar a batalha pelo cordeiro, largou a faca e o garfo no prato com um estrondo.

A mãe estremeceu outra vez.

– Isso é pior ainda.

– Eu adoro meu carro, deixem ele em paz – afirmou Nina.

Seu Fiat fazia uma falta danada, já que, no momento, ela dependia da carona dos outros.

– A esposa do Tom, do pub, está vendendo o carro dela. Posso dar uma olhada pra você, se quiser – sugeriu o pai. – É um Ford. São carros bons e confiáveis. Rodam muito com pouco.

E são um pé no saco, pensou Nina.

– Ah, que boa ideia, meu amor – disse a mãe dela.

Nina poderia dizer algo tranquilo e sensato como “Já que ainda preciso pagar pelo conserto, provavelmente não é a melhor hora de pensar em comprar outro carro”, mas estava farta de todos acharem que sabiam o que era melhor para ela. Sério, eles ainda a consideravam o bebê da família. Então, levantou em um pulo, olhou com raiva ao redor da mesa e gritou:

– Eu gosto do meu carro do jeito que ele é e ponto-final!

Então pegou seu casaco e saiu como um furacão pela porta dos fundos, rumo ao seu apartamento.

Ela ficou bem satisfeita com o silêncio que reverberou pela mesa.



Ao ouvir a batida suave na porta, enquanto quatro pães de ló esfriavam na prateleira, Nina teve certeza de que era Nick. Apesar de ser o irmão que menos a importunava, era o mais protetor de todos. Parte dela queria ignorá-lo e fingir que já estava dormindo, mas ela sabia que sua explosão atípica devia ter causado uma comoção, e, se não atendesse, ele continuaria insistindo.

– Oi?

Ela abriu a porta um pouquinho de nada, deixando claro que não queria companhia.

– Passando só pra saber se você tá bem.

O sorrisinho alegre de Nick tinha um quê de tensão.

Ela se sentiu culpada e deixou o irmão entrar.

– Estou bem.

– Só bem?

O apartamento de Nina era um estúdio em conceito aberto. Ela fechou a porta e suspirou.

– É, só bem. Quer um chá ou alguma outra coisa?

Ele ergueu uma sobrancelha em provocação.

– Que outra coisa? Você por acaso tem um estoque de conhaque ou uísque escondido aí e eu não sei?

– Ah, pelo amor de Deus, faz diferença se tenho ou não?

Ela não aguentava mais as pessoas pegando no pé dela e não fez nenhuma questão de esconder sua impaciência.

– Caso não tenha notado, sou adulta. Foi só jeito de falar. Você vai ficar aliviado em saber que minha despensa infeliz abriga apenas algumas caixas de chá.

– Vixe, alguém acordou com o pé esquerdo hoje... ou será que foi uma certa ligação mais cedo?

Nick cruzou os braços e se recostou na parede.

– Não tem absolutamente nada a ver com o esquentadinho do Sebastian Finlay – retrucou Nina. – Tô cansada da família inteira me tratando feito um bebê. Tenho quase 30 anos, porr... – Ela hesitou quando o irmão franziu a testa; se soltasse um palavrão, ele ia surtar. – Porcaria. A mãe e o pai fazem um estardalhaço, e o Jonathon e o Dan também entram na deles. A Cath e a Gail acham ridículo vocês todos se preocupando por qualquer coisinha. E você é o pior de todos, vindo dar uma de irmão mais velho. Não preciso disso.

Nina não cedeu e o encarou com raiva, as mãos fechadas ao lado do corpo. Embora fosse tentador sair batendo o pé pela sala e se jogar no sofá, ia parecer um mero chique infantil, e ela precisava que Nick soubesse que a família estava deixando seus nervos à flor da pele. Talvez estivesse um pouco mais alterada naquele dia, talvez um pouco cansada, mas esse incômodo vinha fermentando fazia alguns meses.

– É só porque nos importamos com você – explicou Nick.

– Eu sei. Entendo, mesmo.

– Mas?

– Eu... sinto que...

O problema era que ela não sabia como se sentia de verdade. Frustrada. Irritada. Fraca. Sem rumo. Sobrevivendo. Sukie, sua colega de trabalho, a confeitadora, tinha ido para Nova York. A carreira dela estava decolando. Nina mal tinha uma carreira, que dirá a chance de decolar, de ter qualificações ou credenciais como cozinheira para se candidatar ao cargo de Sukie. Nem Nick nem o resto da família entenderiam. Estavam todos satisfeitos e felizes, embora ela às vezes suspeitasse que Nick teria gostado de ir embora da fazenda e ampliado mais seus horizontes. Apenas Toby, quatro anos mais velho que Nina, tinha se mudado para longe quando fora para Bristol a fim de cursar veterinária e, agora que tinha voltado, estava a apenas 80 quilômetros dali, embora isso pelo menos o deixasse de fora do escrutínio diário.

– Sei que é difícil ser a caçula e a única mulher, e nossos pais se preocupam porque seu começo de vida foi muito difícil e...

Nina ergueu uma das mãos.

– Não ouse mencionar isso!

– O quê? Que você quase morreu quando nasceu? Mas é verdade.

Nina enfiou o rosto entre as mãos.

– Sim, e isso ficou no passado. Quem olha até pensa que estive à beira da morte a vida toda. Além da apendicite, as tosse, os resfriados de sempre e a catapora, nunca fiquei doente de verdade.

Nick não disse nada.

– Fiquei? – indagou ela.

– Não – admitiu ele, dando um sorriso relutante. – Então, ainda vou tomar um chá ou alguma coisa?

– Ah, tenha dó.

Dessa vez, Nina saiu pisando firme, passando pela cozinha para pôr a chaleira no fogo. De qualquer forma, não podia mesmo ir dormir, porque ainda estava esperando os pães de ló esfriarem para juntá-los com o creme de café e as nozes.

– Ei.

Ela bateu nos dedos do irmão com uma colher quando ele afanou um dos *scones* recém-assados e deu uma mordida rápida.

– Hummm, tá uma delícia.

Ela o ignorou enquanto preparava um bule de chá. Havia certa tranquilidade em fazer aquilo direito, e sem dúvida era uma ótima tática para evitar assuntos espinhosos.

Nina levou o bule e uma caneca, assim como um de seus conjuntos de xícara e pires vintage favoritos, e os colocou em uma mesa de jantar redonda, à esquerda da cozinha. O conceito aberto da área de estar era perfeito para uma pessoa, e ela mantinha o mínimo de assentos ao redor da mesa de propósito. Aquele era seu refúgio, e ela garantia que fosse um espaço só seu. Usara tons pastel nas paredes e comprara um tecido delicado e bonito com estampa floral para fazer as cortinas e as almofadas, dando ao lugar um pouco de sua personalidade. Ter vivido cercada por quatro irmãos a vida inteira sem dúvida nenhuma tinha influenciado seu gosto por decoração. Crescer em uma fazenda significava que a maioria das coisas precisavam ser práticas e robustas. Cores não constavam como um aspecto importante. A ideia que Jonathon e Dan faziam de design de interiores fora pintar as paredes do quarto com listras pretas e brancas, as cores do time do coração, o Newcastle United.

– Aqui está.

Ela empurrou a caneca de chá na direção do irmão.

– Então... o que trouxe tudo isso à tona? – perguntou Nick, a expressão se suavizando com empatia.

– Já vem acontecendo há um tempo. Eu me sinto meio empacada. Como se nunca fosse a lugar nenhum nem fosse fazer nada.

– O que você quer fazer?

Nina brincou com a borda do pires. Era uma ideia ridícula. Afinal, já tinha tentado uma vez e estragado tudo.

De todos os irmãos, ela era mais próxima de Nick. Talvez porque os dois estivessem no mesmo barco.

– Você às vezes não tem vontade de ir embora daqui? Viver por conta própria?

Nick retorceu a boca.

– É raro, mas às vezes fico me perguntando se perdi alguma coisa. Não é muito fácil conhecer gente nova por aqui, mas amo o trabalho no campo, e não dá pra empacotar tudo e levar a fazenda comigo. Aí subo a colina e olho pro vale lá embaixo, seguindo a curva dos muros de pedra solta que estão ali há séculos, e sinto que pertenço a esse lugar. É algo perene.

Nina ergueu os olhos para ele com um sorriso meigo. Nick sempre fora seu herói, não que fosse contar isso para o irmão um dia. Tirando as provocações e brincadeiras infantis, ele era uma boa pessoa que sabia seu lugar no mundo.

Ela suspirou, sem querer parecer ingrata.

– Pelo menos você se sente útil. Tem um propósito e um trabalho de verdade.

– O que você quer fazer?

Com uma careta, ela passou o dedo pela borda do pires de novo.

– Ir embora por um tempo. Ser eu mesma. Descobrir quem eu sou de verdade.

Nick franziu o cenho, parecendo confuso.

– Agora há pouco, não falei um palavrão porque sabia que você não ia gostar – tentou explicar Nina.

Ele pareceu mais confuso ainda.

– É como se eu estivesse só sobrevivendo. Eu quero... quero cozinhar de verdade. Não só fazer bolos e outras coisas do tipo.

– Você quer ser chef? Mas você já tentou isso. Sabe, o negócio da carne crua. O, hã, lance de surtar, ter um ataque de pânico. Você não vomitou também?

– Obrigada por me lembrar, mas o que não percebi na época foi que há outras especialidades que não envolvem manusear carne crua. Eu poderia ser confeitaria. Sukie, que foi pra Nova York, é incrível. Ela me inspirou. Você tinha que ver as coisas que ela fazia. Eu... Eu...

Nina parou. Vinha tentando algumas coisas em casa, sendo bem-sucedida aqui e ali. Tinha sido difícil passar tanto tempo no trabalho observando a ex-colega quando deveria estar servindo mesas, embora Sukie sempre estivesse disposta a deixar Nina ficar por perto. Ela precisava de treinamento, entrar em um curso de confeitaria.

Desde a ligação de Sebastian, Nina não parava de pensar no anúncio que ele fizera sobre o curso de confeitaria que ia dar. Sebastian precisava de pernas. Ela tinha sete semanas livres, ou quase livres. E sem dúvida a mãe e Cath poderiam encontrar outra pessoa para fazer bolos durante umas semanas.

Era a coisa mais fortuita que já tinha acontecido em toda a sua vida.

Seria maluca se não corresse atrás disso. Ainda que Sebastian estivesse no meio da história, aquela era a oportunidade perfeita para mostrar a todo mundo como era apaixonada por confeitaria. Provar a todos que finalmente tinha se encontrado.

- Você falaria com ele por mim?
- Com quem? – perguntou Nick, confuso.
- Sebastian.

CONHEÇA OS LIVROS DE JULIE CAPLIN

DESTINOS ROMÂNTICOS

O pequeno café de Copenhague

A pequena padaria do Brooklyn

A pequena confeitaria de Paris

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

